

A Lua e as pilhas

Chamava-se, oficialmente, professor Matsumoto Harutsuna, mas eu tratava-o apenas por «mestre». Assim mesmo, sem maiúscula, simplesmente «mestre».

Tinha sido meu professor de Japonês no liceu. Não era o docente principal da disciplina e eu, além do mais, não frequentava as aulas com particular assiduidade, daí não ter guardado dele recordações significativas. Depois de deixar o liceu, fiquei imenso tempo sem o ver.

Há alguns anos, coincidiu ficarmos sentados ao lado um do outro num pequeno bar¹ perto da estação. Desde então, encontrávamo-nos de vez em quando.

— Atum com soja fermentada, raiz de lótus frita e chalotas salgadas, por favor — pedi eu, sentando-me ao balcão. Nisto, quase em simultâneo, ouvi a voz do velhote ao meu lado, ligeiramente voltado de costas para mim.

— Chalotas salgadas, raiz de lótus frita e atum com soja fermentada — solicitou.

Ao dar-me conta da semelhança do nosso gosto, virei-me e olhei-o. Ele olhou-me também. Lembrava-me daquela cara mas não sabia de onde.

— Você é Omachi Tsukiko, certo? — perguntou-me de imediato e sem hesitação. Fiquei estupefacta e anuí sem dizer palavra. Ele continuou: — Já a vi várias vezes por aqui.

Respondi com um «sim» vago, sem conseguir tirar os olhos dele. Tinha o cabelo branco muito bem penteado e trazia uma camisa me-

¹ *Izakaya* no original japonês. Estabelecimento onde, num ambiente informal, se consomem principalmente refeições que acompanham o saqué. (N. E.)

ticulosamente engomada, com um colete cinzento. À sua frente no balcão havia uma garrafa de saqué, um prato com tiras de baleia fumada e uma pequena tigela com um resto de algas em vinagre. Atónita com as semelhanças entre o meu gosto e o daquele respeitável senhor de idade, comecei a recordar vagamente a sua imagem de pé, no estrado da sala de aula.

Mantinha sempre o apagador numa mão e o giz na outra. Escrevia no quadro, por exemplo, «O Sol nascente da primavera. Que esplendor!», e apagava cinco minutos depois. Mesmo que não escrevesse nada, nunca se separava do apagador durante as aulas. Era como se a correia do objeto estivesse presa à sua mão esquerda.

— O facto de ser mulher não a impede de vir a este tipo de sítios, pelo que vejo — disse ele, mergulhando delicadamente a última tira de baleia no miso avinagrado e levando-a à boca com a ajuda dos pauzinhos. Murmurei novamente um «sim» desconcertado e enchi o meu copo com cerveja. Percebia agora que tinha sido meu professor no liceu, mas não havia maneira de recordar o seu nome. Em contrapartida, ele era capaz de se lembrar do nome de uma simples aluna, o que me deixava espantada e, ao mesmo tempo, agradecida. Bebi o meu copo de um só trago.

— Naquela altura, você usava franja, não era?

— Sim.

— Exato. Já a tinha visto por aqui várias vezes e sabia que a conhecia.

— Pois...

— Deve estar com trinta e oito anos.

— Ainda não. Tenho trinta e sete.

— Desculpe, desculpe!

— Não tem problema.

— Estive a ver a lista dos nomes dos meus alunos e as fotografias, para me certificar.

— Ah...

— O seu rosto não mudou nada.

— O mestre também está igual, não mudou nada!

Para disfarçar o facto de não me conseguir lembrar do seu nome, dirigi-me a ele simplesmente como «mestre». Foi desde aí que passei a tratar assim o meu antigo professor.

Nessa noite bebemos cinco garrafas de saqué, partilhadas pelos dois. Pagou ele a conta. Na vez seguinte, quando nos encontrámos de

novo no mesmo bar, paguei eu. A partir da terceira vez, cada um pagava a sua parte. E conservámos esse hábito. Suponho que continuámos a encontrar-nos com regularidade porque os nossos temperamentos se assemelhavam muito. Não partilhávamos apenas o gosto pelos aperitivos que acompanham o saqué, também a nossa forma de conviver se pautava pela mesma matriz. Embora nos separassem mais de trinta anos, sentia-me infinitamente mais próxima dele do que de muitos colegas da minha idade.

Ia com alguma frequência a casa do mestre. Às vezes acompanhava-o a um segundo bar e depois ia cada um para o seu lado. De quando em quando, visitávamos três ou quatro bares no mesmo serão. Nessas situações, a noite acabava geralmente com um último copo em casa dele.

— Vivo a dois passos daqui, venha até lá um bocadinho — propôs-me uma primeira vez. Confesso que fiquei um pouco sobressaltada. Sabia que tinha perdido a mulher e não me apetecia muito entrar numa casa onde morava um homem sozinho. Mas, como sou do género de ficar frenética sob o efeito do álcool, aceitei e lá fomos.

A casa estava uma bagunça, ao contrário do que eu imaginava. Esperava encontrá-la impecavelmente organizada, sem um grão de pó, mas afinal havia coisas espalhadas por todo o lado. Na primeira divisão depois da entrada, mobilada apenas com um velho sofá sobre a alcatifa, reinava uma imobilidade silenciosa. Mas a divisão seguinte, uma sala ampla com vários *tatamis*, era uma indescritível desordem de livros, papéis e jornais.

O mestre instalou aí uma mesinha baixa e foi desencantar uma grande garrafa de saqué, de entre um monte de tralhas empilhadas a um canto. Encheu até acima dois copos de tamanhos diferentes.

— Beba — disse-me, e retirou-se para a cozinha. A sala dava para o jardim. Só uma das persianas estava aberta. Através do vidro podia divisar vagamente a presença de árvores. Não estavam em flor, por isso não conseguia reconhecê-las. De qualquer maneira, nunca percebi muito de plantas. O mestre regressou com um prato cheio de pedacinhos de salmão e de uns biscoitos picantes.

— Que árvores são aquelas no jardim? — perguntei.

— Cerejeiras.

— Todas?

— Todas, todas, todas. A minha mulher adorava cerejeiras.

— Devem ficar lindíssimas na primavera!

— Atraem insetos. No outono, as folhas cobrem o jardim todo. No inverno, ficam os ramos nus, é uma pena... — explicou-me, sem dar a impressão de que isso lhe causasse grande transtorno. — Olhe a Lua a aparecer.

Uma Lua brumosa, altíssima, em quarto crescente.

O mestre pegou num biscoito e inclinou o copo, para o encher de saqué.

— A minha mulher não planeava nada, não preparava nada.

— Não?

— Não. Com ela, tudo acontecia em estado puro, sem meios-terminos. Sabia muito bem o que queria e o que não queria.

— Pois...

— Prove, são biscoitos de Akita. Gosto imenso deste travo picante.

Realmente picavam na língua e eram um acompanhamento perfeito para o saqué. Comi uns quantos, em silêncio. Ouvia-se uma certa agitação nos ramos das árvores. Seriam pássaros? Percebia-se um piar frágil e um roçar entre as folhas. Depois o silêncio regressava.

— Há ninhos no jardim? — perguntei, mas não obtive resposta. Olhei para o mestre, estava concentrado na leitura de um jornal. Não era um jornal do dia, tinha pegado num qualquer de entre os tantos que se espalhavam por ali. Prestava atenção à página de notícias do estrangeiro, onde aparecia a fotografia de uma mulher em fato de banho. Parecia ter esquecido por completo a minha presença.

Chamei-o uma segunda vez, mas continuou sem responder, mergulhado que estava na sua leitura.

— Mestre! — insisti, subindo o tom de voz. Ele levantou a cabeça.

— Tsukiko, quer o jornal? — perguntou-me de repente. Sem esperar pela minha resposta, pousou o jornal no chão, deslizou a porta de correr e passou para o quarto contíguo. Regressou com as mãos cheias de coisas que guardava numa velha cómoda. Eram pequenas peças em cerâmica. Foi e veio várias vezes, entre a sala e o quarto.

— Cá está. Encontrei aquilo que procurava — disse. Com um sorriso prazenteiro, dispôs cuidadosamente as cerâmicas no chão. Todas tinham uma asa, uma tampa e um bocal.

— Veja com atenção! — ordenou-me e eu obedeci, tentando imaginar o que poderiam ser aqueles objetos de aspeto rudimentar. Tinha

a impressão de já os ter visto antes. Contemplei-os durante algum tempo. Pareciam bules mas eram demasiado pequenos.

— São bules de comboio! — explicou-me então o mestre, subindo a voz.

— O quê?

— Ora bem: antes, quando se viajava de comboio, comprava-se sempre uma refeição fria na estação, ou mesmo dentro da carruagem, juntamente com um bule destes. Agora vendem o chá em recipientes de plástico, mas antigamente era vendido aqui dentro.

Estavam ali alinhados uns dez, pelo menos. Alguns eram cor de mel, outros mais pálidos, cada um com o seu formato particular. Uns tinham um bocal grande, outros uma asa grossa, outros uma tampa pequena ou um bojo saliente.

— Faz coleção? — perguntei, mas o mestre negou com um movimento de cabeça.

— São bules que comprei em diversas viagens, ao longo do tempo, juntamente com a refeição fria. Este, por exemplo, comprei-o no ano em que entrei para a universidade e fiz uma viagem pela região de Shinshu. Aquele ali, durante as férias grandes, numa viagem a Nara que fiz com um colega. Tinha descido do comboio para comprar as nossas refeições e, no preciso instante em que estava a regressar, o comboio partiu! Aquele outro, durante a viagem de núpcias, na ida. Comprei-o em Odawara e a minha mulher guardou-o durante toda a viagem, enrolado dentro de papel de jornal e protegido no meio das roupas.

Foi percorrendo os bules enfileirados no chão e descrevendo a sua origem, um por um. Eu limitava-me a murmurar qualquer coisa em cada explicação.

— Ouvi dizer que há gente que até os coleciona.

— O mestre não?

— Claro que não! Não sou pessoa para tais excentricidades, senhorita!

E prosseguiu, acrescentando que só dispusera ali aqueles objetos, guardados há anos dentro da cómoda, com o intuito de mos mostrar. Franzia o canto dos olhos ao sorrir.

— O problema é que sou incapaz de deitar coisas fora — continuou, voltando ao quarto. Dessa vez regressou com uma série de pequenos sacos de plástico. — Ora bem, isto aqui é... — enquanto falava, ia desfazendo o nó de um dos sacos. Mergulhou a mão dentro e tirou uma série